

CONEXÕES E TRAJETÓRIAS NOS ESTUDOS SOBRE BISSEXUALIDADE DO BRASIL: UMA ENTREVISTA COM FERNANDO SEFFNER

Inácio Saldanha¹
Fernando Seffner²

RESUMO: Fernando Seffner é o autor da primeira tese de doutorado sobre bissexualidade no Brasil, defendida em 2003 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesta entrevista, ele discute as condições históricas de sua pesquisa sobre homens bissexuais e reflete sobre as mudanças políticas e intelectuais das duas décadas seguintes.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de conhecimento. HIV/Aids. Bissexualidade.

CONNECTIONS AND TRAJECTORIES OF THE BISEXUALITY STUDIES IN BRAZIL: AN INTERVIEW WITH FERNANDO SEFFNER

ABSTRACT: Fernando Seffner is the author of the first PhD thesis about bissexuality in Brazil, which he finished in 2003 at the Federal University of Rio Grande do Sul. In this interview, he discusses the historical context of that research about bisexual men and talks about the political and theoretical changes of the two following decades.

KEYWORDS: Knowledge production. HIV/Aids. Bissexuality.

¹ Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: inaciosants@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2188-9905>.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor titular da Faculdade de Educação da mesma instituição. E-mail: fernandoseffner@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4580-6652>.

CONEXIONES Y TRAYECTORIAS EN LOS ESTUDIOS BRASILEÑOS SOBRE LA BISEXUALIDAD: ENTREVISTA CON FERNANDO SEFFNER

RESUMEN: Fernando Seffner es autor de la primera tesis doctoral sobre bisexualidad en Brasil, defendida en 2003 en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. En esta entrevista, habla de las condiciones históricas de su investigación sobre los hombres bisexuales y reflexiona sobre los cambios políticos e intelectuales de las dos décadas siguientes.

PALABRAS CLAVE: Producción de conocimiento; VIH/SIDA; Bisexualidad.

Encontrei Fernando Seffner por acaso nas ruas do centro histórico de São Luís, no Maranhão, durante o 32º Simpósio Nacional de História, promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH) em julho de 2023. Nós dois somos historiadores de formação, embora tenhamos nos aproximado de outras áreas ao longo do tempo: ele da educação, eu da antropologia. Eu estou, há alguns anos, engajado com pesquisas sobre bissexualidade, e compondo a Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM). Seffner, por sua vez, é o autor da primeira tese de doutorado sobre o tema, fruto de um projeto anteriormente financiado pela MacArthur Foundation e que foi defendida em 2003 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Intitulado “Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual”, o estudo consistiu em uma análise de representações sociais sobre a bissexualidade masculina que circulavam no Brasil na segunda metade da década de 1990, em um contexto de financiamento internacional para pesquisas sobre HIV/Aids no país. A metodologia envolveu a criação de uma rede nacional de correspondências chamada Frente & Verso e tratou-se de um dos primeiros trabalhos a considerar a bissexualidade como uma identidade, e não apenas como uma categoria que remete a práticas sexuais.

Professor titular da Faculdade de Educação da UFRGS, Seffner tem se dedicado a estudar ensino, sexualidade e teoria *queer*, publicando sobre diversos temas atuais do debate público. Foi com entusiasmo que conversamos sobre os desdobramentos da questão da bissexualidade nos vinte anos que se seguiram à defesa de sua tese. Convidado a entrar para a REBIM, ele também aceitou a possibilidade de conceder uma entrevista para o dossiê temático que eu estava em vias de co-organizar na revista *Temáticas*. Poucos meses depois, no começo de 2024, a entrevista foi realizada. O ativista bissexual e psicólogo Dani Vas, convidado a se somar a nós na conversa, teve um imprevisto de última hora e não pode participar. Seguimos, então, apenas nós dois conversando sobre diálogos políticos e teóricos, mudanças históricas no campo e impressões sobre o potencial da bissexualidade como objeto de debate. Nesta entrevista, Seffner também conversa sobre essa experiência de pesquisa e traz detalhes ainda não publicados sobre seu contexto e percurso metodológico.

Inácio Saldanha: Eu gostaria de começar falando sobre coisas que não estão no Lattes. Acredito que é importante que as pessoas tenham acesso a informações que normalmente não são publicadas sobre a trajetória dos autores que são importantes de alguma forma para o campo.

Fernando Seffner: Com relação a esse tema que a gente vai trabalhar eu acho que tem duas coisas importantes de serem ditas, que não estão no Lattes. Embora eu coloque lá muitas coisas que são importantes para mim e que não são para o CNPq, mas que é o único lugar que eu tenho para botar as coisas da minha vida. Eu acho que a questão do tema que nos faz encontrar aqui, que para mim é mais focado na masculinidade bissexual, vem para mim por um encontro de dois ou três pontos. Isso eu já falei várias vezes e foi objeto da minha terapia por muitos anos. Uma delas é que eu me reconheci durante um tempo quando eu estava na faixa dos 17 anos até os 30 anos, foi longa, como alguém que se relacionava com homens e mulheres, mas essa palavra “bissexual” não era uma que

estava na circulação. Eu não sou daquelas pessoas que podem dizer “eu nasci e virei uma bicha”, não. Eu nasci e me dei conta ao longo do tempo que eu me sentia atraído pelos colegas homens, mas que tinha uma relação afetiva, de corpo e de pele (não de sexo no início, né?) com as colegas mulheres também. Essa não é uma coisa que me abandonou ao longo da vida, embora eu não tenha nenhuma dúvida hoje em dia de que eu me assumo como um sujeito gay.

A segunda coisa de fundo para esse tema é que, por conta da minha geração (provavelmente, porque eu vou fazer 68 anos em 2024)... Eu sou de uma geração em que eu comecei muito cedo, no ensino fundamental (como se diz hoje em dia) e que sempre tive uma vida sexual com homens que se relacionavam com outros homens e que tinham namoradas, como eu próprio tive mais de uma vez. E como eu moro a vida inteira em Porto Alegre (não é um detalhe menor o que você perguntou), nasci em Porto Alegre e saí por alguns anos de estudo fora (morei em um município próximo, enfim, a gente ia fazer a revolução, o PT estava começando), isso significa que eu encontro na rua, no supermercado, já que a cidade não é grande, sujeitos com quem eu tive histórias sexuais que hoje em dia são casados, têm três filhos, estão separados. Com exceção das pessoas que não estão vivas ou que se mudaram, elas estão lá. Agora em dezembro, no supermercado, eu encontrei um sujeito no supermercado de noite, ele e a mulher dele. Ele não me reconheceu, mas eu sim porque tivemos diversos encontros no meio do parque, no banheiro, depois numa dessas coisas de encontros assim, lugares em que podíamos nos encontrar mais reservadamente. Ele está casado hoje em dia.

Quando eu comecei a ser voluntário do Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA), logo que a epidemia começou, em 1986, 1987, 1988, porque tinha muitos amigos infectados e aquela doença estava se espalhando, eu me encontrei de novo com esse assunto. O que eu também acho importante de mencionar, que não está lá no Lattes, é a questão de tentar entender como a epidemia que estava muito concentrada em homens gays começou a aparecer muito em mulheres. Veja-se a tese de doutorado da Daniela Knauth (1996), que é antropóloga e professora aqui na UFRGS há muito tempo e que tratou sobre mulheres, os trabalhos da

Wilza Vilela (1997) da USP. Como o vírus tinha saído do meio das bichas e ido para outros lugares? Qual era a mágica? Não esquecer que Porto Alegre é uma cidade onde tem um Hospital de Clínicas da universidade federal, que é um hospital de referência muito importante no Brasil e que teve desde cedo um ambulatório de aids pediátrica. A pergunta era: como isso veio parar nas crianças? É só as bichas entre si, entende? No começo da epidemia muita gente dizia: “Não, deixa elas transarem entre si, elas vão se acabar entre si. Vão pegar aids e vão todos morrer”.

Então começou a ter umas coisas na mídia da época (isso tem um pouco na tese, mas tem muito mais se olhar), de identificar um certo personagem que eram os homens bissexuais, que promoviam a ligação entre o sujeito gay infectado e uma mulher que era sua esposa, que tirava a epidemia do círculo restrito das bichas, dos usuários de drogas, das prostitutas e levava para o lar das pessoas de bem, etc e tal. Então é interessante que, quando eu comecei a ser voluntário no GAPA, tinha um grupo de mútua ajuda e você vai encontrar isso lá na minha dissertação de mestrado (SEFFNER, 1995). Eu me confrontei com homens que... Bom, Fulano começou a participar do grupo e as pessoas começaram a perguntar como ele tinha se infectado. Alguns homens, depois de alguns encontros no grupo, contavam uma história e depois diziam outras: “Não, eu tinha histórias com homens e mulheres”, “Não, eu tive histórias com travestis e tive histórias com mulheres também”. Aí, digamos, tinha um outro “alerta” em torno da questão da bissexualidade.

E depois essas questões de natureza epidemiológica no Brasil. Nós tivemos alguns médicos e algumas autoridades que foram muito duras em atacar os homens bissexuais e a “bissexualidade latina e brasileira”, como estávamos conversando, pelo espalhamento muito rápido da doença de um grupo específico para um grupo maior. Isso e essas coisas da minha vida... Eu não tenho nenhum problema em dizer isso, até porque, nessas teses do Benito Bisso Schmidt³ (Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS) eu já disse coisas sobre transar no parque, chupar pau etc, não

³ Professor titular do Departamento de História da UFRGS e líder do CLOSE (Centro de Referência da História LGBTQIA+ do Rio Grande do Sul). Foi um dos fundadores da Rede de Historiadores/as LGBTQIA+.

que saiu tudo e foi publicado lá, mas disse. Não tenho nenhum problema em dizer que eu venho de muitos anos do que se chama de sexo nômade e mantenho até hoje na vida, ontem à noite eu fui em um parque que eu acho que vai render. Quando começavam a falar desses homens não me vinha uma coisa assim: “Ah, quem serão essas pessoas?”. Não, eu me lembrava de João, Paulo, que tinha a ver.

Outro ponto é que eu venho de um tempo no ativismo em aids onde ocorreu uma verdadeira epidemia de projetos de financiamentos de pesquisas, coisa que se terminou. Não eram financiamentos nacionais, eram financiamentos internacionais. E teve um momento em que eu comecei a achar que esse era um tema interessante. Eu tentei 5 anos consecutivos a bolsa da Fundação MacArthur. 5 ou 6, não vou lembrar agora. Eu tentei a primeira e a segunda vez sobre coisas ligadas à aids no ambiente escolar. Eu era professor de escola de uma vida inteira, depois mudei de assunto. Depois resolvi assumir melhor esse negócio de “Que personagem é esse? Os homens bissexuais”. Ganhei a bolsa, tive orientação do Richard Parker⁴ e da Vera Paiva.⁵ O trabalho foi avaliado pelo Jurandir Freire Costa⁶ e pela Sonia Correa,⁷ duas pessoas que eu acho maravilhosas. Antes uma das avaliações foi feita, não me recordo agora quando, por uma psicanalista muito famosa [Suely Rolnik].⁸

⁴ Antropólogo norte-americano, fundador da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), da qual é presidente. É professor aposentado da Universidade de Columbia (Estados Unidos) e colaborador da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil). Especialista em (homo)sexualidades e HIV/Aids. Coordenador do Sexuality Policy Watch (Observatório de Sexualidade e Política).

⁵ Professora Titular em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Fundadora do NEPAIDS-USP (Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids), que atua desde 1991.

⁶ Psiquiatra e psicanalista pernambucano, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) desde 1974. É autor de importantes livros em que desenvolve abordagens críticas sobre sexualidade e psiquiatria.

⁷ Ativista e pesquisadora feminista brasileira, referência na luta pelos direitos sexuais e reprodutivos. Co-coordenadora do Sexuality Policy Watch.

⁸ Psicanalista e filósofa paulista, é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Escreveu vários livros e artigos sobre subjetividade e temas atuais.

Eu fiz o meu projeto sobre isso e em uma conversa com o Richard Parker, que na época inclusive morava no Brasil (depois ficou um tempo fora e agora voltou), ele disse: “Olha, Fernando, eu acho que você devia deixar um pouco a aids e usar as tuas energias em uma estratégia de pesquisa para conseguir mapear melhor esse universo de quem são, no Brasil, os homens bissexuais”. Eu poucas vezes me interessei pela questão das mulheres bissexuais, na verdade a pesquisa foi montada com esse viés de saúde pública. Ela tinha esse objetivo para responder e respondeu, tanto que quando eu trouxe esse trabalho para o doutorado com a Guacira,⁹ ela (que não é da área da saúde, quem era da saúde era a Dagmar [Estermann Meyer], nossa colega que já aposentou) também viu com ótimos olhos. Eu lembro das minhas conversas com ela, sempre muito elegante, sempre muito educada, nunca dizendo coisas rudes, mas me dizendo: “Eu gostaria que tu deixasses essa história de aids de fora. Eu não quero saber de doença, eu quero saber de sexualidade. Nós vamos aproveitar esse monte de cartas (que ela chegou a sentar várias vezes para ler), tratar de entender melhor o que é esta modalidade da vida sexual que é pouco estudada”.

Eu acho que poucos de nós chegamos ao assunto que chegamos simplesmente porque houve um edital, porque havia dinheiro para isso, porque não sei o quê. No meu caso, eu sei muitíssimo disso que já foi tratado em terapia, cada vez mais que eu conversava com esses homens eu me dava conta das compreensões também da minha própria trajetória, que é um pouco comum às pessoas da minha época, onde era muito difícil identificar outros homens gays e ter certeza de que eram gays e transar ou namorar com eles. Era muito mais fácil se enfiar em um puteiro, em um parque, no banheiro, na Praça da Alfândega e identificar ali homens que queriam fazer sexo com outros homens, e tirar os que quisessem ter uma relação um pouco mais longa. Porque eu sempre fui muito especialista nisso, eu tenho amigos que dizem assim: “O Fernando vai lá no meio do parque e em vez de ficar só lá na putaria chupando o pau de dois ou três, ele pega um e depois acaba levando para casa”. Graças a Deus eu

⁹ Historiadora e doutora em educação, é Professora Titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde fundou o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero). Considerada uma das introdutoras da teoria *queer* no Brasil.

nunca fui assaltado, que eu sei que é um troço perigoso levar um homem desconhecido para dentro de casa. Então eu consegui ficar um pouco mais próximo, o homem estava lá comigo na cama e falando da mulher dele, que domingo ia ter o batizado da outra que ele ia ser o padrinho. Sabe, umas coisas assim que para mim não fazem o menor sentido (Risos).

Inácio Saldanha: Eu ia perguntar sobre a Guacira e a relação de orientação com ela. Eu fiquei pensando no interesse e na dedicação que ela (e, de certa forma, você) teve no debate e na recepção da teoria *queer* no Brasil. É uma coisa que vem nos anos imediatamente seguintes à defesa da sua tese. Lembrando da orelha que ela escreveu para o livro que a tese virou depois, esse interesse na fluidez, na contradição... Em que sentido as questões que inquietavam vocês conversam entre a pesquisa sobre bissexualidade e o investimento na teoria *queer*?

Fernando Seffner: Eu entrei como professor efetivo (já havia entrado como substituto) em um concurso no qual a Guacira fazia parte da banca. Ela é formada em História, mesmo curso que eu e tu também, se eu não estiver enganado. Eu nunca tinha visto ela. Eu entrei e depois de dois ou três anos, já que a bolsa na MacArthur começou em 1995, a Guacira não existia na minha vida. Ela havia sido da banca, mas era da área da História da Educação, e já mexia com gênero. Disso eu lembro com muita clareza, eu conversei com o Richard Parker (somos amigos até hoje, estou até terminando um artigo aqui para enviar para ele e a gente publicar) e falei para ele: “Olha, eu estou querendo transformar esse monte de coisa que eu estou coletando da MacArthur em uma tese de doutorado”, que era um pouco o destino natural do negócio. A MacArthur não exigia titulação, era um pouco natural que isso fosse feito e eu não fui o único que fez isso. E andei pensando, pensei muito na Ondina Fachel, antropóloga da UFRGS já aposentada agora, da geração da Guacira, ou em outro lugar. E o Richard disse de imediato (ele e a Vera Paiva): “mas tem uma professora na tua faculdade que nós gostamos muito, ela se chama Guacira Lopes

Louro”. “Eu sei quem vocês estão falando” e fui atrás dela. Não deu uma semana e eu estava falando com ela, que se interessou imediatamente no assunto.

Agora, você fez um cruzamento que eu achei muito interessante. Sim, quando eu comecei o meu percurso enquanto aluno da Guacira, que acho que foi em 1999 (ela era de outro departamento e eu tinha feito mestrado na sociologia da saúde lá no campus do Vale), eu era uma pessoa supermarxista, tinha a coleção completa das obras do Lênin, 36 volumes.

Inácio Saldanha: Vindo do PT, né?

Fernando Seffner: É, fui candidato do PT, fundador, tinha ido morar em uma vila pobre para ser agitador e tudo mais. Vivi lá por anos, de 1979 a 1985, depois segui dando aula lá mais um tempo, uma série de coisas. Enfim, a Guacira (eu tenho que reconhecer, eu gosto de salientar esse traço dela), de modo muito calmo, foi dizendo: “Não, aqui não tem determinantes marxistas”. Ela dizia assim: “Eu própria já fui marxista”, ela era super petista, tinha bandeira no carro e tudo. Duas pessoas muito importantes nessa história foram ela e o Tomaz Tadeu,¹⁰ vivo ainda hoje, companheiro dela, com quem vive junto desde a pandemia. Ela foi uma pessoa que casou, descasou, fez o que bem entender, e agora está com o Tomaz no apartamento dela. E eu fui revendo o meu marxismo. Eu era uma pessoa muito tosca nesse troço do marxismo e fui revendo isso tudo.

A pergunta que você fez e eu achei muito interessante é até que ponto, quando eu fiz o percurso com a Guacira, ela começou a ser conhecida como uma pessoa que tinha ido aos Estados Unidos a passeio e para outras coisas (para acompanhar o Tomaz, que estudou lá vários anos) e começou a se interessar pelas teorizações *queer*. Foi atrás da Butler, assistiu coisas, daquele jeito da Guacira que é muito curiosa. E eu comecei a gostar também daquilo. Mas teve uma coisa dela que disse assim: “Não, para a tese você já basta ir deglutindo tudo o que é o pós-estruturalismo, o

¹⁰ Tomaz Tadeu da Silva, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, é especialista em estudos culturais, currículo, diferença, Deleuze e identidade. Ganhou o terceiro lugar do Prêmio Jabuti de 2013 pela sua tradução de *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf.

pós-identitarismo, vamos mais devagar”. Então isso veio depois. Eu acho que você não vai encontrar a palavra “*queer*” em lugar nenhum da tese e se achar vai ser uma surpresa.

E as cadeiras com o Tomaz Tadeu eram todas muito instigantes. Deleuze, afeto, diferença e repetição, pedagogia dos monstros, tudo isso está publicado... Ele publicou muito e agora é tradutor, ganhou dois Prêmios Jabuti já. Mas ela disse: “Isso aí tudo você vai segurar um pouco, e ninguém vai dizer que é porque eu não gosto do Tomaz porque todo sábado à noite ele tá lá na minha cama, então não é por causa disso. Na verdade, é porque já é muita coisa na cabeça”. E eu me dei conta que era mesmo. Hoje em dia eu sou uma pessoa que gosta muito, leio mais isso, na tese foi pouco. Mas eu via todo aquele rumor e percebia, lembro de conversar com ela que, além dessas figuras clássicas eleitas no começo para discutir a questão *queer* (travestis, transexuais e drags, que na época teve uma explosão de coisas, a própria Butler se debruça sobre as drags), eu olhava para os meus homens bissexuais e percebia: “Mas aqui também tem muitos atravessamentos nesse troço”. Eu acho que não vai achar uma frase na tese sobre isso, porque eu ainda não tinha cabeça para essas coisas.

Inácio Saldanha: Isso é muito interessante! Eu vou viajar um pouco aqui, é louco porque quando eu estava saindo da graduação em História, a história estava se aproximando desses temas através da teoria *queer*, e a primeira coisa que me disseram para ler foi a Guacira Lopes Louro. E ela mencionava essas coisas sobre as exclusões no movimento gay com negros, afeminados, bissexuais... Eu estava montando um projeto de pesquisa sobre bissexualidade e fui lendo, mas não encontrava nada muito consistente nesse sentido. Com o tempo, fui percebendo que nos Estados Unidos sempre teve uma questão muito grande sobre aproximar os dois temas, como se o *queer* advogasse contra as oposições binárias, mas “bissexualidade” talvez não. E aqui no Brasil aconteceu uma coisa muito interessante, que à medida em que começou a ter mais trabalhos sobre bissexualidade enquanto uma identidade (a sua

pesquisa e a da Regina Ferro do Lago¹¹ foram muito importantes ao trazer essa dimensão) era o momento em que estava chegando a teoria *queer* no Brasil. Então nós temos um debate sobre bissexualidade crescendo de forma muito precária e se aproximando da teoria *queer* no país, que é o contrário do que aconteceu nos Estados Unidos em certo sentido.

Fernando Seffner: Concorde.

Inácio Saldanha: Eu acho isso fantástico. Mas queria saber sobre as condições em que foi feita a sua pesquisa. Você já adiantou algumas coisas institucionais, mas eu gostaria de saber como foi a experiência. Com aquele momento dos editais, do boom de debates sobre HIV e saúde sexual, como era trabalhar sobre bissexualidade e apresentar isso nos lugares? Você me disse que foi até Belém uma vez, né?

Fernando Seffner: Sim, eu estive em Belém.

Inácio Saldanha: Teve isso de criar uma rede de correspondência, mas então você viajou também. Deve ter sido uma agenda muito complexa.

Fernando Seffner: Já faz tempo que eu tenho essa percepção, porque eu não era entendido nas prioridades do movimento feminista, olhando agora eu me dou conta que a aprovação do meu projeto pela MacArthur, que era uma bolsa muito disputada... Isso eu faço questão de dizer, se olhar na lista, que não deve existir mais, eram 5 por ano, depois eram 8. Era uma grana da porra, um câmbio milionário com aquele valor

¹¹ Regina Ferro do Lago, doutora pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz, e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Sua dissertação de mestrado, *Bissexualidade Masculina: Dilemas de Construção de Identidade Sexual*, foi defendida em 1999, uma das primeiras pesquisas de pós-graduação sobre o tema no Brasil.

do dólar. E a minha ideia era boa, eu devo ter escrito um projeto bem escrito, mas eram 5 etapas, na última você ia para São Paulo para defender o projeto frente a uma banca. Nas 5 vezes que eu tentei, na penúltima eu cheguei a ir a São Paulo e não fiquei, quem ficou foi a Denise Dora, minha colega de Porto Alegre.

Hoje em dia eu me dou conta de que havia um interesse explícito do movimento feminista, como existe até hoje, é só olhar o Fazendo Gênero, de apoiar projetos que analisassem de uma perspectiva feminista (que é onde eu estava inserido), comprometida com os valores da equidade de gênero, as questões do mundo da masculinidade. Aí vai entrar, por exemplo, de olhar a produção de pessoas que eu adoro, como o Papai, onde eu já estive em dois eventos.¹² Essa gente toda navegou (algumas mais, outras menos) dentro de uma coisa que há no feminismo de que “só mulher pesquisando mulher” tem um limite. Então tem gente que foi pra paternidade, reprodução, saúde reprodutiva, homem e violência, etc. Eu lembro bem das duas bancas quando eu fui arguido por umas 12 pessoas (Suely Rolnik era uma delas, essa que eu estava tentando lembrar o nome), tudo pessoas que eu conhecia de ouvir falar; de que havia um interesse de que a pesquisa contribuiria para o conhecimento dos homens que era uma lacuna do feminismo. Eu também entrei nessa *vibe*.

Aí você pergunta sobre as condições da pesquisa. Para a época - acho que até hoje seria - essas e depois as bolsas da Fundação Ford que eu tive de 8 a 10 anos, davam uma condição de trabalho maravilhosa. Você abria uma conta, ganhava uma grana em dólar, o banco transformava aquilo em reais. Podia contratar pessoas, podia comprar equipamento. Não tinha essas coisas assim mesquinhas: “Cadê a notinha do táxi aqui?”.

E eles também tinham (não lembro o nome da bolsa agora, mas existe um programa semelhante nos Estados Unidos) uma coisa de que você devia ser uma pessoa que comunicasse para o grande público a pesquisa. Veja bem, a MacArthur não é uma universidade, é uma fundação como milhares, fui descobrir que existem milhares. Ela também está

¹² O Instituto Papai é um projeto social criado em 1997 e sediado no Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA) da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife.

interessada em que o bolsista divulgue. Quem fez isso junto comigo foi o Ricardo Ayres, da USP, da área das vulnerabilidades, ele fez vídeo e uma série de coisas. Eu achei ele maravilhoso. Então havia um estímulo para isso e eu me vi cercado de um monte de coisas. Para ser sincero, eu sou filho de pobre e teve um momento que eu comecei a andar de avião de uma maneira completamente maluca. Acho que cheguei aos 35 anos sem nunca ter posto o pé em um avião, é um negócio que começou assim, que explodiu. Isso do ponto de vista da estrutura, contrata bolsista, paga correio, resolver fazer um boletim e mandar imprimir, resolver pegar um avião e entrevistar 8 pessoas em Belém... No caso, em Belém, eu tive uma longa colaboração com aquele hospital, acho que o Barros Barreto.

Inácio Saldanha: Uhum, da UFPA.

Fernando Seffner: Acho que todas as vezes que eu fui foi por causa de eventos e fiquei por lá, depois pagava hotel por conta própria.

Agora, do lado B da pesquisa, é importante falar. A gente não está pesquisando um negócio que fosse fácil achar as pessoas. A cena que eu gosto de contar, que eu acho que vou morrer e nunca vou esquecer, foi que conversando com o Marquinho Benedetti (que aliás faz aniversário no dia de hoje, 31 de janeiro), que era meu principal bolsista, que conheci no GAPA, a gente teve a ideia uma hora de publicar anúncios em jornais. “Como é que você vai achar esses homens?”, bom, seu Fernando sabia onde achar, né? Era só se enfiar nos puteiros, nas coisas, no parque, praça, começar a chupar pau, daqui a pouco aparecia alguém. Aparecia um homem, e daí para chamar para uma entrevista também não é assim. E na sauna (eu sempre gostei muito de sauna), vai lá na sauna Coruja, vai na outra, daqui a pouco tem homem que é casado e no sábado a mulher tá fazendo compras no supermercado e o homem está chupando pau: “Ah, tenho que voltar lá porque a mulher está terminando a compra no supermercado”.

Bom, aí nós tivemos essa ideia de publicar em duas ou três revistas, no jornal Zero Hora de Porto Alegre, na coluna de recado. Discutimos, discutimos o texto e publicamos. Alugamos uma caixa postal no correio

central e esperamos passar uns 3, 4 5 dias e fomos lá. E eu me lembro muito bem da cena que eu vou contar agora, eu faço questão de contar. A caixa era número 10.459, se não estou enganado, porque esse número até hoje eu guardo, ela estava lá em cima daquelas paredes de caixa postal, não existe mais isso hoje em dia. Eu lembro que botei a mão, girei a chave, abri e caiu uma catarata de cartas assim, desabou em cima de mim um cantarêu de cartas. Caiu tudo no chão. Nós começamos a rir, eu e Marquinhos. Eu sou mais alto que ele, coloquei a mão e puxei mais cartas. Aquilo fez barulho, lá no balcão um homem botou a cabeça para fora e disse assim: “Qual é o número da caixa postal de vocês?”. “É 10.459”, “Ah, não coube tudo. Tem um cesto aqui de cartas, é uma promoção que vocês estão fazendo?”. Eu não sei se isso está escrito na tese, eu acho que não está. Eu nunca vou esquecer dessa cena, era um dia de tarde.

Nós fechamos a caixa postal e o homem nos deu as outras cartas... Nos deu não, ele tinha dentro de um cesto e não tinha nem como carregar aquilo. Eu não tinha levado pasta, não tinha levado nada. Pegamos aquilo tudo e saímos pelo centro e sentamos no primeiro lugar que apareceu para rasgar uma das cartas: “O que que essas pessoas...?”. Deu uma loucura, entende? Tivemos que parar para olhar. Acho que tivemos sorte, nós testamos um método que hoje em dia não traria resultado algum, não tinha internet, essas coisas. Testamos um método que deu resultado, e daí foi muito fácil publicar em outros jornais (que, como eu digo, a gente tendo dinheiro...), aí colocamos anúncio na Folha de São Paulo, aqui e ali, nas revistas de encontros que existiam, na Rebecca (que eu tenho a coleção aqui), a Rose, essas não existem mais. E veio uma inundação de cartas, e no meio dessas vieram muitas cartas de mulheres querendo saber mais informações, porque elas próprias tinham tido histórias com homens bissexuais.

Pulando para outro elemento que eu acho importante do lado B da coisa, vai convencer as pessoas de que aquilo era uma pesquisa séria, que não estávamos querendo transar com as pessoas. Eu acho que 80% dos homens escrevendo estavam querendo transar com a gente. Inclusive as cartas eram muito explícitas: “Vocês fazem coisas a 3? Isso eu nunca fiz. Qual de vocês é ativo?”. Aí começou uma discussão, porque nós

assinávamos (ingenuidade, né?) “Fernando e Marcos, pesquisadores”, um negócio que hoje em dia é super ingênuo. E aí você tinha que explicar para as pessoas que não é bem assim, queríamos apenas conversar sobre isso, “Ah, tudo bem não tem problema conversar, mas vocês conhecem outros né? Depois me apresentem para outros”. Se você ler todas as pesquisas sobre garotos de programa, travestis que se prostituem, mulheres que se prostituem, é sedução o tempo inteiro. Isso foi uma coisa muito interessante.

Mais lado B ainda: Quando eu comecei a entrevistar pessoas em Porto Alegre, daí para carregar para a cama foi 5 minutos. Primeiro, porque eu já fazia isso; segundo, porque as pessoas queriam; e terceiro porque eu cheguei à conclusão, sobre esse aspecto eu gosto muito do Fernando Pocahy (2018), que pesquisou em sauna e diz que não dá nem para levar termo de consentimento porque a sauna é úmida, a caneta e o papel vai ficar toda borrada, terminou a entrevista: “Bom, agora eu vou aproveitar a vida aqui, o pesquisador ficou em casa”. Eu também estou falando de um tempo em que não existia comitê de ética, não fiz termo de consentimento, não tinha nada disso. Era muito difícil entrevistar alguns homens em uma situação que, em geral, marquei em lugares públicos, porque tinha outros temores. E depois, em uma cidade como Porto Alegre, que eu conheço como a palma da minha mão, não dizer: “Olha, pertinho daqui tem um lugar de encontros, entende?”. Por que não fazer isso? Podem atirar a primeira pedra! Eu tenho 68 anos, não tenho muito tempo de vida... Quem não faria isso?

Eu também acho sensacional isso de lidar com um objeto de pesquisa que tem demanda afetiva e sexual sobre a gente. Não é como entrevistar, sabe, não quero falar mal da História, você é da História né? Eu também sou. Mas não é como lidar com documento, entrevistar as pessoas do sindicato dos bancários. Eu venho de uma tradição de pesquisa sindical, se catar lá no meu currículo vai encontrar uma pesquisa sobre sindicato no Rio Grande do Sul, quando eu era militante do PT. Aí eu entrevisto o cara que era diretor do sindicato dos bancários, não tem nenhum erotismo rolando. Nessas pesquisas que a gente faz tem todo um entorno que não é um dado menor. E foram ficando os contatos, as pessoas pediam foto

da gente. A gente não mandava, elas começaram a mandar. Isso eu não tenho por um outro motivo, teve um momento que eu queimei as fotos. Achei que aquilo era demais, que podia cair na mão de alguém. Cheguei à conclusão: “Isso aqui não vai adiantar na pesquisa, eu não vou ficar e não vou devolver para as pessoas porque elas vão se sentir ofendidas, elas mandaram uma foto dentro de uma carta no correio”. Não era foto pelado, era foto na praia, de calção de sunga, o troço não era tão assim... E essas eu tenho certeza que eu queimei. Fiquei com um pouco de temor pela própria pessoa, não por mim, porque eu nunca mandei foto. Não sei se eu respondi, posso entrar em detalhes...

Inácio Saldanha: Você falou em descrição, eu lembro que nós lemos parte da tese na REBIM quando era só um grupo de estudos. Na véspera, as pessoas estavam lendo e postando prints com trechos das cartas no Twitter e no Instagram, que estavam reproduzidas na tese. O cara que dizia que tinha um pau do tamanho de um pacote de biscoito Bono...

Fernando Seffner: Isso! Isso mesmo (Risos)

Inácio Saldanha: E eu amava biscoito Bono. Até perdi um pouco o costume... Mas tenho outra pergunta. Há um trecho no trabalho em que você diz que ficou inseguro muitas vezes, porque as pessoas te achavam muito corajoso por estar se dedicando a um tema tão inesperado. De certa forma, todo mundo estava falando disso, mas era uma coisa obscura de falar. Você tem algo a falar (não sobre a insegurança em si, mas) sobre como era trabalhar com esse tema em um momento em que parecia uma coisa tão nova? Como era ser recebido quando apresentava ou comentava, e como lidar com essa recepção?

Fernando Seffner: Eu acho que essa insegurança, esse temor, tinha a ver não só com o fato de que nós fizemos essa pesquisa, mas fez (porque

esse era um propósito do projeto da MacArthur) colocando em andamento uma rede que aproximou pessoas. E isso cria compromisso com as pessoas.

Essa situação me lembra muito de outras duas da minha vida. Eu fui morar em uma vila que era um lugar pobre na periferia de outro município, que era Cachoeirinha. E lá começamos um trabalho sindical de associação de moradores, PT, né? E uma das coisas que eu e as três meninas com quem fui morar (com uma delas eu vivi junto um tempo, a Helena, muito minha amiga até hoje) logo nos demos conta é que, quando você começa um negócio desses, começam também demandas das pessoas. Elas trazem, por exemplo, histórias violentas da vila. Uma noite elas têm um filho que está com uma febre maluca em um lugar que não tem posto de saúde, elas sabem que nós temos uma moto em casa, então vêm pedir para levar. Essas coisas vão gerando algo assim: “Será que eu vou conseguir?”. Vão te empurrando para uma posição dessas.

A segunda foi no GAPA. Estive no GAPA, Grupo de Apoio à Prevenção da Aids, desde logo depois dele ser fundado. Não sou fundador nem nada, o fundador é vivo até hoje (o Gerson Winckler), mas ali nós fomos criando uma estrutura. E teve um momento em que começamos a receber cartas, ou nas entrevistas pessoais ou por telefone (o telefone que me refiro é o telefone fixo, né?), em que a pessoa narrava situações de vida de hostilidade com relação a isso de ser soropositiva. Porque na cidade dela tinham contado, porque alguém tinha aberto uma carta que nós tínhamos mandado. Nós escrevíamos dizendo que só aceitaríamos nos corresponder com pessoas que também tivessem caixa postal, porque tínhamos visto isso escrito nas revistas e nos jornais. Mas acontece que, quando se espalhou, as pessoas começaram a mandar cartas com o endereço delas: rua tal, número tal, apartamento tal. Mandamos cartas algumas vezes perguntando: “Você acha que é seguro” e algumas vezes isso não se revelou seguro. E a pessoa escreveu pedindo que não mandassem mais.

Em várias entrevistas... Eu lembro muito bem, algumas inclusive feitas no apartamento em que eu morava ali no centro de Porto Alegre (na frente do Parque da Redenção, eu nunca me afastei muito das regiões da putaria na cidade). Eu lembro que mais de uma vez o sujeito começou a chorar. Isso te dá um sentimento de solidariedade, mas você também

fica assustado porque eu não tenho uma estrutura para ajudá-lo. Eu posso conversar sobre o assunto... Teve homens que me pediram (o que não era muito interessante) que, como eu entendia muito do assunto, que eu podia conversar com a esposa dele também. Porque ele fazia tudo escondido com um homem e uma mulher e não a incluía. Essa era mais ou menos a regra, né? Porque a mulher nem imaginava. “Será que dá para falar com os filhos?”, você vai sendo um pouco empurrado para um lugar de compromisso com as pessoas, que você não quer abandonar, mas ao mesmo tempo você se apavora um pouco. Eu não sou psicólogo, não sou médico, eu não tenho nenhuma estrutura, entende? Isso ali era um projeto de pesquisa.

Mas esse não é um sentimento que só eu vivencio. De lá para cá eu já escutei em muita banca, em muito lugar, a mesma coisa. Pessoas que lidaram com usuários de drogas (que eu participei bastante por causa da coisa da aids) e daqui a pouco começa a demandar uma série de coisas. Nos anos que a gente morou na vila, as pessoas logo se deram conta que nós não éramos dali e nós não éramos ricos (duas das meninas eram, mas eu e a Marilene não éramos), mas a gente tinha acesso a coisas que elas não tinham. Então elas começam a pedir ajuda, o que é muito normal.

Uma série de temores. Depois da entrevista, que a pessoa já te localizou, já falou contigo, ela deseja falar uma segunda vez, uma terceira, uma quarta... Porque ela é, por exemplo, um vendedor viajante que a cada três semanas passa dois dias em Porto Alegre para prestar contas das suas vendas no interior. Ele é um homem concreto, agora não lembro mais o nome dele. Então ele vinha a Porto Alegre de uma cidade menor no Rio Grande do Sul (percorria uma região, lembro que lá para o lado de Uruguaiana, que é uma cidade bem longe de Porto Alegre) e vinha a cada três semanas de ônibus para a prestação de contas. Falo de uma época que não tinha internet, então muita coisa se fazia indo até o lugar. Então ele começa a vir e querer conversar comigo. Não era uma questão de transar comigo e nem de responder entrevista, não tinha nada para responder, ele já tinha falado tudo na entrevista. É que ele não tinha com quem conversar.

Tem um momento em que isso começa a causar uma ansiedade em mim e no Marquinhos. O Veriano,¹³ que é meu colega da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), tem uma frase em que ele diz isso. Nós muitas vezes abrimos um projeto curto para tratar de um tema ligado à aids e depois que se abre aquele balcão de atendimento, aquela relação, vem um dilúvio de coisas. E você se assusta um pouco, porque as populações são muito vulneráveis. Não sei se me fiz claro, mas acho que isso é muito comum em muitas pesquisas.

Inácio Saldanha: Você estava falando antes da relação que era feita da bissexualidade (masculina, principalmente) com a latinidade. “Bissexualidade”, aqui, falando em práticas e algumas convenções. E você disse que viu muito isso quando passou seis meses com o Richard Parker. Acho que tem um triângulo de coisas aí que estão relacionadas: a experiência com o Richard Parker nos Estados Unidos, a ABIA (estou presumindo), e essa percepção internacional da coisa.

Fernando Seffner: A percepção internacional da coisa é isso que você já cantou a pedra. Assim que eu comecei a ler coisas sobre o tema, me dei conta de que nos Estados Unidos havia um movimento organizado. E eu devo dizer que foi graças à leitura das coisas desses grupos norte-americanos que eu me dei conta que a bissexualidade tem impactos importantes sobre aquilo que hoje se chama de “monocultura dos afetos”. Aquele livro maravilhoso da Geni Núñez (2023),¹⁴ *Descolonizando Afetos*, estou quase terminando de ler. E também sobre essa ideia de que o outro não é uma propriedade tua. Na época eu não percebia isso, mas comecei a ver. Lembro de ter lido com muita atenção em coisas que comprei dos Estados Unidos, o modo como algumas comunidades norte-americanas de homens e mulheres bissexuais (que inclusive tinham filhos e criavam os filhos juntos) peitaram as leis de herança e tudo mais. Sabe que para os

¹³ Veriano Terto Júnior é psicólogo e vice-presidente da ABIA, tendo uma trajetória de pesquisa sobre sexualidade e de coordenação de projetos relacionados à prevenção de HIV/Aids.

¹⁴ Psicóloga e ativista Guarani, expoente dos debates atuais sobre não-monogamia, sexualidade, decolonialidade e intelectualidade indígena no Brasil.

norte-americanos tudo vai parar nas barras dos tribunais, né? É uma coisa bem de norte-americano. Na época eu fiquei encantado com essas coisas, mas não levei isso muito adiante, porque a pesquisa aqui não tinha isso.

Eu passei 15 meses lá na Columbia, mas isso faz pouco tempo, e levei essas coisas. Foi com o Richard, já estava todo terminado esse processo. E o Richard (ele ainda era professor na Columbia, se aposentou logo depois e eu fui o último orientando de pós-doutorado dele lá) me levou naqueles círculos de homens gays latinos que tem lá, e outros círculos na cidade de Nova York, e eu me dei conta de que essa coisa do homem latino se apresentar como ambíguo. E no latino lá não se entende muito o brasileiro, porque nunca somos muito latinos, mas estamos incluídos no pacote... Mas se apresentar como um homem que efetivamente tem uma mulher, tem filhos e um prazer e um gosto na relação com outros homens (sendo ele venezuelano, colombiano, dominicano, salvadorenho, falei com vários, e era mais fácil de falar por causa da língua...). Isso era muito bem visto, foge dessa coisa norte-americana das identidades muito fixas: a bicha saiu do armário no dia tal, aquelas histórias que elas contam, “Ah, eu fiz o meu *out of closet* bem no dia do *Thanksgiving*, aproveitei que todo mundo estava lá, então saí do armário e nunca mais voltei”. Que é tudo o que o livro da Sedgwick (1990) diz que não é assim, mas elas acham que é; o armário é uma coisa que se carrega para a vida toda, como diz lá no livro.

A coisa latina tem isso, e eu já flagrei em vários lugares. Um que eu fiz a etnografia e, se você quiser, eu te mando: eu comecei a ver séries da Netflix para um artigo que não deu tempo de escrever ainda sobre cultura escolar e sexualidade, que são séries que se passam em escolas. Tem uma série espanhola chamada *Elite*, que tem sucessivas temporadas, que vai aparecer um brasileiro. Acho que o ator é brasileiro mesmo, ele fala bem, eu já fui atrás dele. Não deu outra. Já tinha tido tudo o que é tipo de bichice, lesbianidade e heterossexualidade na série, ela foi ficando cada vez mais apimentada; um monte de guri bonito espanhol, numa escola de rico (uma série meio bobinha até, vamos combinar). Daqui a pouco aparece um aluno brasileiro, filho de um jogador de futebol. Não deu outra, Inácio, se você me pedir eu digo exatamente o capítulo da temporada e o minuto em que começa. O jogador de futebol se relaciona com homens

e mulheres, e o próprio guri se relaciona com homens e mulheres. Quer dizer que, na série, quem introduz a bissexualidade é um brasileiro. E olha que, quando ele aparece na escola, já tinha rolado bastante episódios. Eu não estava esperando, fui assistindo com outros olhos e daqui a pouco, paf! O negócio apareceu. Eu já vi isso em outros lugares, quem introduz a coisa é o latino ou a latina. Acho legais essas conexões, isso dá uns ótimos temas de pesquisa. É muito instigante e teria todo o interesse de acompanhar, que acho muito interessante.

E para dizer outra coisa, eu leio o que vocês escrevem ali. Gosto muito do grupo [da REBIM], das conversas, das relações de vocês, das perguntas. Eu leio, não pensem que eu estou ali sem ler... Com certeza perco muita coisa, porque não tenho tempo, mas às vezes pego e fico lendo as conversas. Acho legal que não me tirem dali mesmo que eu não fale nada, às vezes tem grupo que dizem assim: “Quem não falou nada vai ser retirado!”.

Inácio Saldanha: (Risos)

Fernando Seffner: Mas, o que acontece? Eu olho ali e ando cercado na UFRGS de alunos e alunas com essa coisa poliamorosa, pansexual, não binária, isso dava uma conversa para além disso aqui. Fico pensando conexões entre esses novos vocabulários, que designam desejos que já são um pouco antigos. E para finalizar, na época da dissertação sobre a aids, eu me interessei por conta de dois escritos por esse negócio de que alguns artistas, quando revelavam a sua orientação sexual, diziam que eram bissexuais. Eles não eram nem hétero, nem gays, eram essa outra palavra. Tem um até muito famoso da comunicação (FAUSTO NETO, 1991) que eu não lembro o nome agora (mas tenho certeza de que na minha dissertação ele está citado), que trata dessas figuras do Monte Olimpo, que seriam os influencers de hoje, artistas, e jogadores de futebol. E, de lá para cá, às vezes eu leio alguma coisa de vocês e me ponho a pensar nesses personagens do Big Brother e de outros lugares, de como essa gramática da bissexualidade voltou a ser enunciada, principalmente quando ela vem

colada com uma forte dimensão pública. De ser alguém que está muito na mídia, isso dá uma química interessante. Agora, falando contigo, me dou conta de como tem assunto interessante para pesquisar.

Inácio Saldanha: Eu também tenho muito interesse nessas questões, fiquei pensando várias coisas aqui. Isso que você disse no final, sobre como a bissexualidade sempre volta e é mantida nesse nível público... O Sérgio Carrara¹⁵ disse na minha defesa de mestrado que é como se tivesse uma virada: antes a bissexualidade era um perigo e hoje ela está em perigo. A forma como vai aparecer no Big Brother e tudo mais, associada à violência e a uma linguagem política, dos bissexuais como um grupo que está sendo afligido por todas essas normas, é um enquadramento que muda.

A Regina¹⁶ tem esse argumento de que há uma tensão o tempo todo na história do movimento, entre a fluidez e a definição (FACCHINI, 2020). Eu estou tentando entender como o tempo todo estão sendo produzidas categorias que remetem à fluidez, categorias que estão provocando conflitos e criando problemas no meio de todas essas negociações, que são muito políticas. “Gilete”, “Barca de Cantareira”, e hoje tem o “pansexual” e o “panromântico”. E o poli, que é um guarda-chuva com várias preferências mais específicas: “Eu só gosto de pessoas que são assim, e tem uma palavra específica para me definir enquanto tal”.

Mas eu queria te fazer uma pergunta retrospectiva. Aconteceu muita coisa e você também fez muita coisa depois da pesquisa. Como você olha para aquele trabalho hoje? Pensando também que a tese foi defendida em 2003 e você a publicou em forma de livro em

¹⁵ Professor titular aposentado do Instituto de Medicina Social da UERJ e coordenador do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM). Foi fundador e é editor responsável pela *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino-Americana*.

¹⁶ Antropóloga paulista e ativista bissexual histórica. É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Unicamp e autora de diversas publicações sobre direitos sexuais e movimentos LGBTQIAP+ e feministas. Foi integrante do Espaço B, da Rede B (entidade estadual paulista dos anos 2000) e do Coletivo Brasileiro de Bissexuais, e atualmente integra a REBIM.

2016. Eu imagino que se passou um tempo e você pensou: “Poxa, nunca fiz nada com ela, vou publicar!”. Como é essa coisa do tempo?

Fernando Seffner: A publicação, para responder de modo bem pontual, eu ganhei dinheiro da MacArthur e o dinheiro foi ficando. Eles nunca cobraram, porque o trabalho tinha sido muito bom e ficaram satisfeitos. Até que um dia eu pensei que tinha que fazer, se não daqui a pouco eles cobrariam. Então peguei a primeira editora que apareceu, a Paco Editorial (eu estava fora do Brasil na época) e foi feito. Foi uma coisa meio às pressas. Demorou tempo demais, foi absolutamente pelo excesso de trabalho.

Como eu vejo o trabalho hoje em dia? Eu continuo achando-o muito inovador. Gosto muito da ideia (hoje em dia já não trabalho mais com esse linguajar) que lancei mão ali de que existem representações que circulam sobre isso e que uma mesma pessoa pode migrar de uma para outra. Inicialmente, nos meus mapeamentos, eu tinha chegado a 12, 13, depois acabaram naquelas 4. Porque fui muito pressionado (pela minha própria cabeça, ninguém nunca me mandou fazer isso) pelo movimento social, por onde eu andava, no sentido de construir uma identidade mais definida: “O homem bissexual é assim”. De vez em quando eu dizia: “Ele tem duas pernas, dois braços, uma cabeça etc.” e acho que o meu ouvido foi ficando atento nas conversas com os homens de perceber que o mesmo que se considerava uma pessoa mais adiantada que a sua época (algo que aparecia muito: “Sou perseguido porque sou uma pessoa adiante do meu tempo, como todas as pessoas adiante do seu tempo são perseguidas”), era também um homem que em outro momento da conversa comentava que achava que era assim porque sempre tenha sido uma pessoa indecisa na vida. Então quer dizer que a bissexualidade seria fruto de uma indecisão para quase tudo na vida, que colou na sexualidade dele também. A ideia de que, se ele fosse uma pessoa decidida (o que ele gostaria de ser), não seria assim. Eu acho que essa ideia é legal, ela não encapsulou as pessoas, permitiu perceber que se pode ser uma coisa e outra, e não apenas uma coisa ou outra.

E veja bem, ao longo do trabalho da MacArthur e depois da tese eu fui parar em muito programa de rádio e televisão. Entrevistas, muita coisa assim, algumas eu botei no Lattes, outras não. Na época não tinha tanto isso de botar tudo no Lattes. E acontece que as pessoas sempre queriam saber contornos mais definidos, de que tipo de pessoa se tratava. O que hoje em dia sabemos que é uma coisa de tentar identificar quem é Fulano para tentar se proteger de possíveis coisas. E eu sempre tinha que resistir a isso e dizer: “Olha, não é assim, não existe um *fit* em que você entra, calçado número 42 até 36, não é isso”. É algo que toma, dependendo do contexto ou da interpelação (usei muito esse conceito do Althusser), diferentes modalidades. Mas preserva esse vínculo de ordem afetiva e sexual de perceber que se pode ter prazer e afeto nas relações tanto com homens quanto com mulheres. Embora eu tenha visto muito claramente, e essa é uma discussão que eu acho importante até hoje, que isso não significa necessariamente que se faça coisas com homens e mulheres ao mesmo tempo.

Acho isso uma discussão que tensiona uma coisa muito interessante trazida na dissertação do Vas (2021), que é a questão da monogamia. Que está muito desenvolvida no *Descolonizando Afetos*, da Geni Nuñez (2023). A bissexualidade é ou não é uma ameaça para a monogamia? Porque se as relações são sempre separadas... Eu não tenho respostas para essas perguntas, mal consigo formulá-las. Mas acho boas perguntas para pensar e discutir com as pessoas. É bastante interessante, são coisas que me ficaram.

Eu gostei muito de fazer o trabalho, tive muita alegria em fazê-lo. Tive muita possibilidade de discuti-lo com pessoas que eu jamais imaginava que me sentaria junto. O Jurandir Freire Costa, que tinha publicado aqueles livros, veio a Porto Alegre para um negócio da sociedade psicanalítica. Uma coisa toda fina, me meti lá todo mal arrumado e ele saiu do palco e disse: “Fernando, você por aqui? Vamos tomar um café!”. E ficou todo aquele monte de gente assim, eu me achei no céu. Então eu pude discutir com muita gente que me deu muita ideia.

Mas muita coisa não foi levada adiante, porque outros temas vão se colocando. Eu também queria dizer que eu defendi a tese, em seguida entrei na linha de pesquisa do GEERGE para orientar junto da Guacira.

Hoje em dia eu coordeno a linha, sou coordenador do GEERGE, todo mundo aposentou (só ficou eu), agora entrou mais gente (eu sou o mais velho, disparadamente). E aí você começa a ir pela demanda dos outros, começam a aparecer temas. É uma pena às vezes não seguir um tema por mais tempo. Por outro lado, a gente se deixa cativar, ainda mais nessa área do gênero e da sexualidade, por tanta coisa. Vamos combinar, Inácio, o que pipocou de coisa interessante nos últimos anos... Agora tem um edital aberto sobre pessoas não-binárias,¹⁷ eu não vou submeter nada porque não entendo disso. Mas já anotei a data em que vai ser publicado para ver a revista, porque eu quero ler. Eu estou cercado de gente não-binária na UFRGS, eu quero entender desse troço. Então os assuntos vão se colocando, ainda mais nessa nossa área.

Eu também sou muito militante, fui colando nos movimentos. Contra isso, contra o Escola Sem Partido, contra “ideologia de gênero”, contra aquilo, isso também alimenta. O movimento “contra” também é o que eram as perseguições da aids. Eu admiro quem consegue ficar por um tempo mais longo com o mesmo autor, mesma categoria conceitual, pensando o mesmo tema. Eu acabei sendo sacudido por essa coisa. Isso tem problemas, como qualquer coisa, mas acho que é um pouco essa a sensação. Mas gosto muito de ter feito, dou-me conta que foi uma grande sacada na vida.

Inácio Saldanha: Você falou algo que eu achei superinteressante, sobre ter contato com alguma discussão que o movimento bissexual estava fazendo nos Estados Unidos. Talvez uma impressão que temos hoje (e já vou perguntar sobre a geração também) é que o diálogo e o contato com o movimento começaram a acontecer na medida em que ele ficou evidente no conteúdo dos trabalhos, da passagem dos anos 2000 para os 2010 no Brasil. Mas você estava antenado com todas aquelas questões. Eu lembro que uma vez estava comentando isso (acho que foi o primeiro tapa que levei nesse sentido) em uma aula da Regina, e ela disse: “Não, quando a gente

¹⁷ O dossiê “Não binariedade: uma identidade emergente no Brasil contemporâneo” foi publicado na edição v. 1, n. 20 da revista *Periódicus*, da Universidade Federal da Bahia. A organização é de Dri Azevedo, Andrey Chagas e Walla Capelobo.

estava no Espaço B¹⁸ em 2004 ou 2005, fizemos uma mesa na Associação da Parada de São Paulo com o Fernando Seffner”.

Fernando Seffner: Fez, eu fui lá uma vez.

Inácio Saldanha: Eu só queria saber o que você lembra. Como foi o seu contato com o movimento ou com coisas que surgiram e eram discutidas no movimento ao longo do tempo. É uma pergunta bastante geral, mas durante a tese havia os Estados Unidos, logo em seguida da tese começam a surgir os grupos no Brasil. Não precisa chegar até recentemente, eu pergunto disso depois.

Fernando Seffner: Uma delas é quase anedótica. Agora que você falou, eu lembrei, já tinha esquecido disso. Eu estive em Curitiba, teria que ver o ano agora, no Seminário em que a ABGLT¹⁹ foi fundada. Um seminário em Curitiba, Toni Reis e tal. Eu não estava muito metido na organização, mas conheço ele. Mas eu estava lá, passei os dias todos no seminário que fundou a ABGLT. Foi uma discussão, eu participei da mesa. E estava presente na hora em que se falou da sigla, eu lembro muito bem e, se perguntar para o Toni, ele vai lembrar. Se falou: “Nós vamos colocar também o B de bissexuais, o Fernando pesquisa isso”. Aí eu falei claramente: “Olha, isso aqui não tem movimento social, entende? Nós vamos botar o B...”. Lembro muito bem disso. Mas dentro dessa ideia de ser a associação de todo mundo que existia no Brasil, o B entrou lá. A ideia não foi minha, quero deixar bem claro, ela já estava presente.

Mas eu me dei conta naquela assembleia... Foi uma assembleia muito tumultuada, em que o Nuances (o Célio, do Nuances)²⁰ nunca entrou na

¹⁸ O Espaço B foi um espaço de discussão alternativo sobre sexualidade que existiu no âmbito da Associação da Parada de São Paulo nos anos 2000. Foi um importante difusor da formação do movimento bissexual no Brasil na mesma época.

¹⁹ A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) foi criada em 1995 e é uma rede nacional de grupos organizados do movimento atualmente conhecido como LGBTQIAP+.

²⁰ Célio Golin, coordenador do Nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual, que atua em Porto Alegre desde 1991.

ABGLT, como sabemos, com uma argumentação muito convincente. Eu sou muito amigo do Célio até hoje, mora lá perto de casa. Mas lembro disso, o que hoje eu tomaria como uma manobra um pouco colonizadora até. Antes de existir um movimento, já diz que nós vamos representar essas pessoas. Não sei se eu gostaria disso hoje em dia, mas na época, claro que eu nem pensava. Lembro de ter dito: “Olha, mas não vamos filiar nenhum...”, porque todos os outros tinham grupos presentes ali. Grupos de gays, grupos de travestis, grupos de transexuais, grupos de lésbicas, cada letra daquelas tinha muitos grupos na reunião. Eu não sei como se tinha arrumado dinheiro para aquele evento, foi uns dias que choveu horrores, um tempo feio em Curitiba. Mas o evento tinha bastante gente, entende? E cada pessoa representava alguma ONG, algum negócio. Nós colocamos, então, a letra, sem que sentada naquela roda tivesse nenhuma pessoa que representasse o movimento. Não sei se hoje, no interior da ABGLT (nunca mais acompanhei isso) tem grupos que efetivamente disputam espaço lá dentro e que correspondem a grupos organizados.²¹

De lá para cá, esse da Parada eu lembro bem. Foi um daqueles eventos pré-Parada, eu fui e fiquei uns dois dias em São Paulo. Eu lembro da Regina, já a conhecia. Gostei de apresentar, gostei muito das perguntas feitas, lembro que foi um evento que eu gostei muito. Eu não fiquei para a Parada (a Parada eu fui só uma vez na vida, fui uma vez a São Paulo só para ir à Parada). Mas eu imagino que ainda é algo com pouco movimento, eu só vejo essa articulação de vocês (a REBIM), eu não tenho conhecimento de outros. E, ao mesmo tempo, ela aparece ali na sigla em certo é de igualdade...

Para resumir e voltar para a frase que eu disse. Hoje em dia, avaliando aquele episódio, acho que foi uma estratégia um pouco colonizadora, em que as lideranças primeiro estabelecem: este é o lugar que vai te representar. Você nem existe ainda direito, mas é nesse lugar que será representado, vai ter que bater aqui. E não deixa a coisa se criar e apresentar a forma pela qual ela deseja ser representada no mundo da política. Porque

²¹ Atualmente o Movimento de Bissexuais da Paraíba (MovBi) compõe a ABGLT. Trata-se de um grupo formado em 2014 e uma das únicas entidades de bissexuais formalizadas com personalidade jurídica no Brasil.

o B está lá, não sei nem se vocês fazem parte da ABGLT, ou das outras. Hoje em dia há outras organizações.

Inácio Saldanha: Hoje existe a REBIM, que é uma rede de pesquisadores, mas também a Frente Bissexual Brasileira. Teve, nos anos 2000, o Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB), que foi uma entidade nacional que acabou durando pouco porque, bom, o movimento colocou: “Este é o espaço para você estar, mas você não está tanto assim”. E isso gerou vários conflitos.

Fernando Seffner: Sim.

Inácio Saldanha: E hoje a Frente Bissexual Brasileira é a entidade que fala em nome do movimento bissexual no Brasil. E que tem as questões de sua própria época, de como fazer esse diálogo mais amplo. Para algumas pessoas é melhor estar mais afastado e para outras é melhor estar junto.

Fernando Seffner: Claro.

Inácio Saldanha: Você já trouxe esse ponto, mas como você olha para a geração que está trabalhando agora com bissexualidade? A partir do contato que você vem tendo com as pessoas do grupo ou pelos trabalhos que você avaliou ou acompanhou. Pode falar o que quiser.

Fernando Seffner: Falarei mais pela dissertação do Vas, que eu li (e conheci ele naquele evento em Assis)²² e das coisas que eu lió nesse grupo de WhatsApp. Na verdade, eu sigo no Instagram uns 3, ou 4 ou 8 perfis, inclusive aquele da Bi-Biblioteca,²³ que foram citados por vocês ali e

²² A Semana da Visibilidade Bissexual de Assis, no interior de São Paulo, teve três edições realizadas entre 2018 e 2021 por Beatriz Hermans, estudante de psicologia da UNESP.

²³ Projeto de divulgação científica sobre bissexualidade no Instagram, das antropólogas Helena

eu comecei a seguir para olhar. Direi uma única coisa nessa resposta, que é aquela em que me sinto mais seguro. Essa sacada que tem ali de colocar em debate o estatuto da monogamia... Sempre que falamos uma coisa, tem a ver com as leituras que andam na cabeça da gente, eu estou quase terminando o livro *Descolonizando Afetos* e estou encantado com a leitura, além de seguir ela no Instagram. Acho que a conexão que está muitas vezes posta ali entre a bissexualidade e a monogamia (e a monogamia entendida como uma estratégia de controle de populações, de controle da vida social e sanitária das pessoas) é politicamente muito interessante. Ela não estava presente na época em que eu fiz a minha tese. Não era minha preocupação, mas também não me veio à cabeça essa dimensão. Acho que vocês, ali, colocam isso com um vigor que eu gosto muito.

Acho que, com a idade, eu fui migrando para uma coisa de que as identidades (para usar essa palavra, identidade como posição de sujeito sempre precária, “sujeito” é uma interpelação, só para usar essa palavra), as novas identidades, como são hoje em dia as pessoas não-binárias, trazem um conjunto de novidades e peitam as relações de poder. Ou podem trazer. Estou falando daquelas que me interessam, que são as que trazem. Mas acho que as estratégias de captura disso pelo sistema e pela norma, para usar o artigo que eu tenho no livro do GEERGE (que é o que eu estou estudando, a questão da norma, da cisheteronorma, todo esse barraco aí envolvendo o Richard Miskolci), essas maneiras de colonizar essas novas formas de viver os afetos, os amores, as uniões (SEFFNER, 2022)... As estratégias da norma são muito sofisticadas e logo docilizam ou amesquinham as novas modalidades de viver os afetos.

Eu gosto muito de acompanhar o grupo ali, porque acho que essa pegada é bem interessante. Não conseguiria localizar as frases, mas dá vontade de salvar algumas coisas que alguém disse ali. São coisas ditas que levantam interpelações para várias posições no mundo da sexualidade e dos afetos. Acho que essa potência, as coisas da ordem bissexual têm hoje em dia. E nós temos que aproveitar para sacudir a norma com ela enquanto existe esse vigor. Porque a pessoa depois de uma certa idade, que é o

Monaco e Danieli Klidzio. Disponível em: https://www.instagram.com/bi_biblioteca/. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

meu caso, vai percebendo que coisas que tiveram um furor muito grande foram muitas vezes colonizadas. A própria coisa *queer* foi colonizada, o Q virou uma identidade na sigla LGBTQ. É tudo o que não era para ser, no meu ponto de vista. Mas virou uma identidade, eu tenho amigos que se apresentam como sendo *queer*. Então eles estariam sempre contra a norma, nós todos seríamos menos importantes que eles, porque nós, só em alguns momentos conseguimos estar contra a norma...

Então eu gosto disso, dá um vigor. Agora estou falando tudo isso e dá vontade de começar a escrever algumas coisas ali. Já andou me cutucando, às vezes eu me acho meio fora do grupo e ao mesmo tempo estou dentro do grupo, porque estou lendo tudo. Sinto um vigor político que eu gosto, leio coisas que as pessoas dizem, contam, ou foram em um debate. Você vai a muitos debates, eu percebi, você é uma espécie de porta-voz do negócio ali. Organizador assim, pelo que eu percebi algumas vezes, posso estar enganado. Mas as pessoas dizem, elas foram a algum lugar, levaram aquilo, escutaram tal coisa, acho tão interessante. Isso não existia na época em que eu fiz a pesquisa e não me atinei para essas possibilidades.

Assisti uma palestra esses tempos, quando estava em Coimbra, em que o cara falou sobre esse negócio da monogamia como uma grande estratégia de regulação policial. Interessante que ele falou aquilo tudo, inclusive contra o binarismo e usou uma figura de três pontos, mas em nenhum momento citou a bissexualidade. Cada um chega por um caminho diferente, ele não estava interessado no que nós estamos falando.

Inácio Saldanha: Eu preparei só mais uma pergunta, que remete a algo que conversamos quando nos encontramos em São Luís, no Simpósio Nacional de História, da ANPUH. Pelo que eu lembro, você viu em algum evento que algumas resistências, que foram relacionadas à bissexualidade ao longo de muito tempo, talvez estivessem hoje sendo associadas à pansexualidade. Coisas como o estranhamento... Como você está pensando isso? Ou ainda vai pensar?

Fernando Seffner: Eu lembro que nós falamos sobre isso lá. Tem a ver com a história pessoal de cada um. Eu sou um homem que já teve muitas relações na vida, com mulheres e homens especificamente. Alguns namoros mais longos, atualmente tem dois caras que eu considero que são amantes. O Ezequiel e o Dani, duas pessoas completamente diferentes. Tenho um filho e um sobrinho que cuido como filho, nunca fui casado. Tem essa posição também: eu não sou uma bicha que se casou, fez lá o contrato... Não sou contra nada disso, mas não vivi desta forma.

Agora, estamos vivendo um momento em que claramente se está perdendo o vigor que o Néstor Perlongher²⁴ (para falar em uma figura ótima) via na homossexualidade. Se perdeu porque começamos a desejar o desejo da norma, isso para mim é bem evidente. Eu estava lá nos Estados Unidos, fui nas conferências republicanas e fiquei lá sentado quietinho. Não precisei me apresentar, graças a Deus, porque o meu inglês também não é bom. E uma bicha lá disse que tinha o desejo de ser piloto de caça aéreo.

Inácio Saldanha: (Risos)

Fernando Seffner: Logo você pensa que é para jogar bomba em cima da gente. Porque ela tinha dois irmãos que tinham feito isso, e ela não pode por ser gay. E queria que isso fosse possível. Esse desejo de desejar a norma, de casar, ter filhos (eu também tenho filho), uma série de coisas, vai tirando o vigor de balançarmos as relações de poder. Isso não está mais nas mãos do movimento gay. Se você me perguntar, eu já falei outras vezes, considero que na média o movimento gay é muito médio-classista e pouco ambicioso nas suas proposições. Então eu procuro olhar para outras direções.

O lugar que está mais de moda hoje em dia é o das travestis e transexuais. Eu mesmo oriento várias delas, gosto muito de conviver com

²⁴ Poeta e antropólogo argentino, Perlongher atuou como ativista de esquerda e homossexual na Argentina e no Brasil durante as ditaduras militares dos dois países. Foi professor de antropologia da Unicamp e autor de obras marcantes dos estudos sobre (homo)sexualidades, prostituição e HIV/Aids. Faleceu em 1992 em decorrência da aids.

elas, adoro Letícia Carolina,²⁵ Luma²⁶ e Megg Rayara.²⁷ Me considero amigo de muitas dessas que estão aparecendo agora. Na ANPED²⁸ tinha uma que eu gosto muito que é a Izzie M. S. Amâncio, que lida com infâncias trans.

Mas cada vez que eu leio as coisas no grupo de vocês eu me dou conta que um pouco desse bastão de questionar a ordem moral, sexual e de gênero que se junta com a ordem política no controle das populações (chama-se isso de biopolítica, governamentalidade neoliberal, como se queira). Isso está posto nas coisas que vocês comentam ali. Eu gosto de sentir isso, senão eu não leria mais... Porque é muito aviso, quem vai levar bandeira em tal lugar, quem vai fazer tal coisa, quem vai representar, mas isso é a vida das organizações. Eu sempre fui muito militante, não acho que o mundo é só das ideias, também se deve fazer coisas. Por isso acho legal que tu e outras pessoas estejam interessadas em estudar esse negócio e dar voz para ele, que tem um vigor político bem interessante. Acho que compete um pouco com as travestis, que hoje em dia estão muito no centro do cenário.

Não sei se me fiz claro, a tua pergunta me fez pensar em umas coisas que eu não tinha muito definidas na minha cabeça.

Inácio Saldanha: Acho que vou até olhar o grupo depois e reler tudo lá (Risos). Eram essas as coisas que eu tinha para perguntar. Também vou ficar pensando várias coisas, acho que você deveria escrever alguma coisa que seja ainda. Revisitar, não sei em cima do que, não sei em que formato.

²⁵ Letícia Nascimento, professora da Universidade Federal do Piauí. Defendeu a primeira tese de doutorado de uma travesti nessa instituição.

²⁶ Luma Nogueira de Andrade, doutora em educação pela Universidade Federal do Ceará e professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Primeira travesti a conquistar o título de doutorado no Brasil e a primeira a compor o quadro docente de uma universidade no país.

²⁷ Megg Rayara Gomes de Oliveira é professora da Universidade Federal do Paraná e doutora em educação pela mesma instituição.

²⁸ A 42ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED) foi realizada em outubro de 2023 em Manaus.

Mas acho que às vezes há um distanciamento dos trabalhos mais antigos dos que têm essa ânsia mais política. Hoje eu olho a minha dissertação de mestrado (Saldanha, 2023) e lá eu joguei muito com o seu argumento da tese. Acabou que o Dani não conseguiu entrar, mas estou muito feliz que fizemos essa conversa e espero que possamos fazer outras.

Fernando Seffner: Também espero, gostei muito da conversa. Já tinha gostado muito daquele dia lá, que nos encontramos por coincidência em São Luís. A conversa me dá muitas ideias.

Inácio Saldanha: Fernando, muito obrigado.

REFERÊNCIAS

- FACCHINI, Regina. De homossexuais a LGBTQIAP+: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (org.). *Direitos em disputa*: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 31-70.
- FAUSTO NETO, Antonio. *Mortes em derrapagem*: os casos Corona e Cazuya no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- KNAUTH, Daniela Riva. *Le Sida chez les femmes*: maladie et quotidien dans les groupes populaires au Brésil. Tese em Etnologia e Antropologia Social, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1996.
- NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos*: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Paidós, 2023.
- POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens*: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Salvador: Devires, 2017.

- SALDANHA, Inácio. *Categorias em trânsito: classificações da sexualidade e a emergência da “bissexualidade” em Belém nos anos 1980 e 90*. Dissertação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- SEFFNER, Fernando. Não há nada tão raro quanto o normal: o homem comum, a virilidade política e a norma em tempos conservadores. In: SEFFNER, Fernando Seffner; FELIPE, Jane (orgs.). *Educação, gênero e sexualidade: (im)pertinências*. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 234-267.
- SEFFNER, Fernando. *O jeito de levar a vida: histórias de vida de soropositivos*. Dissertação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *The epistemology of the closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- VAS, Dani. *Militância enquanto convite ao diálogo: o caso da militância monodissidente*. Dissertação em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- VILLELA, Wilza Vieira. *Mulheres e Aids: ambiguidades e contradições*. São Paulo: NEPAIDS, 1997.

Texto recebido em 01/02/2024 e aprovado em 09/09/2024